

ENTRE TEXTOS E IMAGENS: A REPRESENTAÇÃO DOS POVOS INDÍGENAS NOS LIVROS DIDÁTICOS

Viviane Souza de Oliveira¹; Bruna Caroline da Silva²; Anderson Glaydson Rocha Silva³.

¹Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP), vivianne.souza@hotmail.com;

²Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP), brunca1011@gmail.com;

³Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP), anderson.glaydsonrs@gmail.com.

INTRODUÇÃO

A implantação da Lei nº 11.645/2008, que obriga o ensino de História e Cultura Indígena no Ensino Fundamental e Médio, resultou dos esforços dos movimentos indígenas e indigenistas do século XX, e também da Constituição de 1988, com toda força dos movimentos políticos dos anos 80 em busca da redemocratização. Aliado ao ensino em sala de aula estão as produções textuais, que atualmente são vastas. A preocupação que permanece, no entanto, é se tais produções – principalmente os livros didáticos – retratam os povos indígenas do Brasil, na história e na contemporaneidade, rompendo com a ideia de um índio passivo, obediente e folclórico, senso comum à algumas décadas.

Olhar para os livros didáticos é necessário, pois são eles os principais instrumentos utilizados em sala de aula por professores e alunos no processo de ensino-aprendizagem. É um transmissor de informações sobre outras culturas e povos, sendo assim, contribui para a formação de uma imagem sobre o outro (GRUPIONI, 1995, p. 486). Nessa transferência de conhecimento não só textos são utilizados, mas também imagens. Por isso, elas igualmente caracterizam-se como possíveis influenciadoras nessa formação.

Entendendo os textos e as imagens como linguagens condutoras de conhecimento não imune à reflexão, foi objetivo dessa pesquisa, analisar como os povos indígenas do Brasil são representados nos textos e nas variadas ilustrações integradas aos livros didáticos de História do 7º ano do Ensino Fundamental, investigando ainda se esses perpetuam, ou não, os estereótipos e preconceitos que cercam esses povos.

METODOLOGIA

A pesquisa teve início com um levantamento bibliográfico, constituído principalmente por livros e artigos científicos. Posteriormente foi feito um estudo quantitativo e qualitativo através da análise das fontes documentais: oito livros

didáticos de História¹, sendo todas as edições do ano de 2015 e voltados aos alunos do 7º ano do Ensino Fundamental, já que é neste período escolar que ocorre um aprofundamento da temática indígena.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A imagem como objeto de reflexão

Não é novidade que atualmente o livro didático está presente nas mais variadas escolas brasileiras, privadas e públicas. Ele tem sido um facilitador pedagógico para professores e alunos, mas não apenas isso. Nessa pesquisa, entendemos que o livro didático está para além de um mero recurso pedagógico. Ele, como afirma Circe Bittencourt, é um objeto de “múltiplas facetas” que pode ser entendido por quatro ângulos diferentes: primeiro, “uma mercadoria, um produto do mundo da edição que obedece à evolução lógica do mercado”; segundo, “um depositário dos conteúdos escolares, suporte básico e sistematizador dos conteúdos elencados pelas propostas curriculares”; terceiro, “um instrumento pedagógico [... que] elabora as estruturas e as condições do ensino para o professor”; e quarto, “um importante veículo portador de um sistema de valores, de uma ideologia, de uma cultura” (2015, p. 71-72).

Seguindo essa linha de pensamento, o livro didático não é um objeto neutro, pelo contrário, está direcionado a alguém e pretende transmitir algo. E como para alguns alunos ele constitui-se como único material impresso disponível com informações sobre outras culturas e povos, acaba, segundo Grupioni, contribuindo significativamente para a formação de uma imagem sobre o outro (1995, p. 486).

Nessa transmissão de conhecimento, o livro didático se utiliza de linguagens verbais e não verbais, sua estrutura abrange textos, atividades, glossários e imagens (gravuras, pinturas, mapas, fotografias, litografia). Segundo Bittencourt “os livros didáticos de história, já em meados do século XIX, possuíam litogravuras de cenas históricas intercaladas aos textos

¹ Livros didáticos analisados: AZEVEDO, Gislane; SERIACOPI, Reinaldo. *Projeto Teláris: história: ensino fundamental 2. 2. ed.*, São Paulo: Ática, 2015. / BOULOS JÚNIOR, Alfredo. *História sociedade & cidadania, 7º ano. 3. ed.*, São Paulo: FTD, 2015. / CAMPOS, Flávio de; CLARO, Regina; DOLHNIKOFF, Miriam. *História nos dias de hoje, 7º ano. 2. ed.*, São Paulo: Leya, 2015. / COUTRIM, Gilberto; RODRIGUES, JAIME. *Historiar: 7. 2. ed.*, São Paulo: Saraiva, 2015. / MOCELLIN, Prado; CAMARGO, Rosiane de. *Projeto A poema história 7. 2. ed.*, São Paulo: Editora do Brasil, 2015. / POLLEGRINI, Marco César; DIAS, Adriana Machado; GRINBERG, Keila. *Vontade de saber história, 7º ano. 3. ed.*, São Paulo: FTD, 2015. / VAINFAS, Ronaldo; FARIA, Sheila de C.; FERREIRA, Jorge; CALAINHO, Daniela Buono. *História.doc, 7º ano.* São Paulo: Saraiva, 2015. / VICENTINO, Cláudio; VICENTINO, José Bruno. *Projeto Mosaico: história: anos finais: ensino fundamental.* São Paulo: Scipione, 2015.

escritos, além de mapas históricos” (2015, p. 69). Para o historiador Francês Ernest Lavissee, as imagens demonstram ser um grande artifício pedagógico, de forma a efetivar noções e conceitos para um melhor aproveitamento da aprendizagem e para melhor fixação dos conteúdos históricos (1887 apud BITTENCOURT 2015, p.75):

As crianças têm necessidade de ver as cenas históricas para compreender a história. É por esta razão que os livros de história que vos apresento estão repletos de imagens. Desejamos forçar os alunos a fixarem as imagens [...]. É o que denominamos de revisão pelas imagens e acreditamos que este trabalho possa desenvolver a inteligência das crianças ao mesmo tempo que sua memória.

Mesmo sendo as imagens um recurso pedagógico útil, apenas visualizá-las e fixá-las não é significativo, e nisso consisto um dos desafios dos professores. Para Molina, ao abordarem fontes visuais em sala de aula, os professores “utilizam estas como forma de transmitir e não mediar o conhecimento, ou seja, ao invés de trabalhar didaticamente a imagem, simplesmente a apresentam como objeto “pronto” ou como algo ilustrativo” (2006, p. 24 apud SILVA 2010, p. 180).

Tendo isso em vista é indispensável a análise e problematização da imagem representada no livro, dado que o sujeito ensinado não pode ser visto como mero receptáculo, e tão pouco a imagem como mero espelho da realidade; como nos diz Silva “as imagens não são espelhos da realidade, nem devem ser utilizadas na condição de ilustração de temas, numa perspectiva ingenuamente ‘realista’” (2010, p. 181).

As imagens, assim como qualquer outra criação artística deve sim ser questionada, pois como evidencia Jorge Coli: “não raro na história, a arte foi determinada diretamente a partir de programas traçados por poderosos fatores exteriores. Serviu de propaganda, celebrou mortos e vivos, satisfez normas, exigências e vaidades. Esteve a serviço do poder. Foi [...] instrumento ideológico” (2003, p. 106).

Cientes que não só os textos devem servir como objeto de reflexão, mas também as imagens, e sabendo ainda do permanente desafio da transmissão e análise dessas linguagens em sala de aula, levantamos a questão: qual representação está sendo propagada acerca dos nativos brasileiros nos livros didáticos de História?

Em finais do século XX, Grupioni criticou a imagem estereotipada e genérica ainda presente nas

referências aos povos indígenas. Tanto na escola quanto nos meios de comunicação o índio estava sendo representado como aquele “que vive nu na mata, mora em ocas e tabas, cultura Tupã e Jaci e que fala tupi” (1995, p. 483). Haja vista as mudanças na historiografia social – que resultou no acréscimo de trabalhos que criticam a preconceituosa representação indígena –, questionamos: será que, vinte três anos após a afirmação de Grupioni, a imagem dos povos indígenas brasileiros se modificou nos livros didáticos?

A representação dos povos indígenas nos livros didáticos

A partir das análises dos oito livros didáticos obtivemos os seguintes resultados:

Apenas 37,5% dos livros dedicam um capítulo para abordar os nativos do Brasil, trazendo características importantes, como a densidade populacional desses povos antes da colonização, deixando claro que já havia uma história antes de Pedro Álvares Cabral desembarcar na Terra de Vera Cruz. Apenas 50% dos livros abordam as diferentes etnias indígenas e seus diferentes modos de vida no que era considerado a América portuguesa; enquanto que os outros 50% expõem o modo de vida dos nativos de forma genérica e generalizada, deixando uma grande lacuna quanto a pluralidade de seus costumes, línguas e habitações, corroborando para uma visão sob a perspectiva do colonizador e não do colonizado, privilegiando as experiências e vivências do primeiro em detrimento do segundo, que em consequência disso é invisibilizado.

Observou-se que os ritos e costumes de alguns povos indígenas ainda são discutidos sob a ótica europeia, um deles é a antropofagia. Durante anos, a imagem que se tornou emblemática foi a dos povos indígenas como canibais, erroneamente, claro. Apenas 50% dos livros falam sobre tal assunto, destes, 12,5% descrevem algumas motivações para a realização da antropofagia, mas não especifica as etnias que a pratica, o que limita o conhecimento mais aprofundado sobre características singulares das diferentes etnias (Fig. 1); e 25%, ao se referirem especificamente aos Tupi, utilizam o termo “canibalismo” em vez de “antropofagia”; sendo que “os Tupi, no entanto, não são canibais, e sim antropófagos [...]. A diferença é esta: canibais são gente que se alimenta de carne humana; muito distinta é a situação dos Tupi, que comem seus inimigos por vingança” (CUNHA, 2012, p. 37).

Também se verificou que a crítica de Grupioni ainda é válida: “índios e negros são quase sempre enfocados no passado. Falar em índios é falar do passado, e fazê-lo de uma forma secundária: o índio aparece em função do

colonizador” (1995, p. 487). Em 50% dos livros, os textos e as imagens utilizadas, remetem-se aos nativos apenas no passado. É recorrente pinturas que mostram a extração do pau-brasil para o comércio (Fig. 2) e a resistência indígena à escravização, contudo, quando a mão de obra escrava passa a ser os africanos, os indígenas desaparecem, como se não continuassem a produzir história.

Em 25% dos livros, nenhuma ilustração dos nativos na contemporaneidade é apresentada; enquanto que outros 25% possuem fotografias, essas no entanto, retratam um índio estereotipado: pintado, caçando e pescando. É inegável a importância de mostrar que ainda hoje os indígenas conservam seus costumes, porém mostrá-los apenas sob essas caracterizações faz parecer que o índio só é índio se estiver pintado e portando instrumentos de caça e pesca. Em contrapartida, 50% dos livros possuem fotografias que retratam indígenas participando ativamente da política, usando computadores e tendo acesso à educação formal, contudo essas ainda são tímidas.

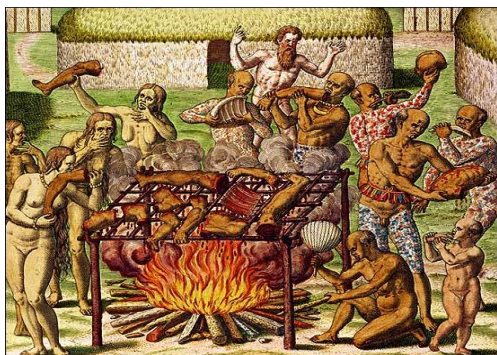


Figura 1. Canibalismo, Theodore de Bry. Gravura, 1592.



Figura 2. Giacomo Gastaldi e Giovanni Battista Ramusio. *Delle Navigazioni e Viaggi*. Aquarela, 1565.

CONCLUSÕES

Embora preliminar, a pesquisa permitiu concluir que ainda há muito para se avançar quando se trata da representação dos povos indígenas nos livros didáticos. Apesar da metade dos livros apresentar os diversos modos de vida dos povos indígenas e suas pluralidades étnicas, narram a história desses povos com enfoque no passado, invisibilizando sua presença na história após o início da escravidão africana. As imagens contidas nos livros, ainda contribuem para um estereótipo de um índio isolado da sociedade e os textos ainda empregam erroneamente o termo “canibalismo”, reforçando a

visão eurocêntrica. Entre textos e imagens é perceptível que os nativos do Brasil ainda são vistos sob quatro prismas: o índio que praticou o escambo assim que os portugueses chegaram na América; o índio que foi escravizado; o índio que resistiu à escravização; e por fim, o índio que mesmo resistindo, foi derrotado. Tendo isso em vista, é fundamental que mudanças textuais e imagéticas aconteçam, principalmente para que os alunos entendam que os indígenas já eram agentes da sua própria história desde antes da colonização portuguesa, processo que continuou durante a colonização e que continua até hoje. Conclui-se ainda, que para uma melhor percepção dessa temática, é necessário um maior aprofundamento nas análises, contemplando um maior quantitativo de livros didáticos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AZEVEDO, Gislane; SERIACOPI, Reinaldo. *Projeto Teláris: história: ensino fundamental 2*. 2. ed., São Paulo: Ática, 2015.
- BITTENCOURT, Circe. Livros didáticos entre textos e imagens. In: BITTENCOURT, Circe (Org.). *O saber histórico na sala de aula*. 12. ed., São Paulo: Contexto, 2015. p. 69-90.
- BOULOS JÚNIOR, Alfredo. *História sociedade & cidadania, 7º ano*. 3. ed., São Paulo: FTD, 2015.
- CAMPOS, Flávio de; CLARO, Regina; DOLHNIKOFF, Miriam. *História nos dias de hoje, 7º ano*. 2. ed., São Paulo: Leya, 2015.
- COLI, Jorge. *O que é arte*. 15. ed., São Paulo: Brasiliense, 2003.
- COUTRIM, Gilberto; RODRIGUES, JAIME. *Historiar: 7*. 2. ed., São Paulo: Saraiva, 2015.
- CUNHA, Manuela Carneiro da. *Índios no Brasil: história, direitos e cidadania*. São Paulo: Claro Enigma, 2012.
- GRUPIONI, Luís Donizete Benzi. Livros didáticos e fontes de informações sobre as sociedades indígenas no Brasil. SILVA, Aracy Lopes da; GRUPIONI, Luís Donizete Benzi (Org.). *A temática indígena na escola: novos subsídios para professores de 1º e 2º graus*. Brasília: MEC/MARI/UNESCO, 1995. p. 481-526.
- MOCELLIN, Prado; CAMARGO, Rosiane de. *Projeto Apoema história 7*. 2. ed., São Paulo: Editora do Brasil, 2015.
- POLLEGRINI, Marco César; DIAS, Adriana Machado; GRINBERG, Keila. *Vontade de saber história, 7º ano*. 3. ed., São Paulo: FTD, 2015.
- SILVA, Edlene oliveira. *Relações entre imagens e textos no ensino de história*. *Revista de história* [22]; João Pessoa, jan./ jun. 2010.
- VAINFAS, Ronaldo; FARIA, Sheila de C.; FERREIRA, Jorge; CALAINHO, Daniela Buono. *História.doc, 7º ano*. São Paulo: Saraiva, 2015.
- VICENTINO, Cláudio; VICENTINO, José Bruno. *Projeto Mosaico: história: anos finais: ensino fundamental*. São Paulo: Scipione, 2015.